Consumos e práticas culturais: Coimbra e outras paragens

Carlos Fortuna e Paula Abreu*

1. Abertura

A década de 1990 registou, entre nós, um inusitado "investimento" na actividade cultural, com particular incidência nos domínios da oferta e do esforço de identificação, alargamento e fidelização dos públicos urbanos para a cultura. Este "investimento" é multifacetado quer no que diz respeito às origens e natureza dos seus principais agentes, quer nas suas formas de expressão, quer ainda nos sectores de actividade cultural de maior destaque (Santos, 1998). Por seu intermédio, isto é, pela importância crescente que o factor cultural vem assumindo no desenho das políticas de autárquicas, tem-se vindo a insinuar aquilo que podemos designar por terceiro ciclo de governação política das cidades – que se sobrepõe e articula com os ciclos de gestão *política* e de *infraestruturação* urbana – (Fortuna e Silva, 2001).

Em resultado desta visibilização da actividade cultural, pode dizer-se que a paisagem cultural das cidades portuguesas se tem vindo a modificar profundamente. Para tanto, a organização de eventos culturais, independentemente da sua desigual envergadura, tem-se mostrado tanto mais decisiva quanto tem vindo a dar sinais de promover e qualificar uma "massa crítica" (profissionais, públicos, equipamentos), essencial para uma desejável sustentabilidade cultural das cidades portuguesas.

Pese embora esta dinâmica cultural, não dispomos hoje ainda de uma consistente e actualizada avaliação das condições de produção, recepção, circulação e consumo dos produtos e serviços culturais nas cidades portuguesas. O mesmo pode dizer-se a propósito do relativo défice de informação disponível acerca dos públicos e das práticas culturais. Sabemos, isso sim, que as cidades de Lisboa e Porto são as que dispõem de uma maior e mais densa relação de oferta e procura culturais. Tal é contributo de uma série de estudos disponíveis, uns de carácter mais pontual ou sectorial, outros de maior sistematização de informação e amplitude de análise sobre consumos e práticas culturais, em que pontuam, entre outros, os ensaios de Idalina Conde (1997), José Machado Pais *et al* (1994), A. Teixeira Fernandes *et. al* (1998), Augusto Santos Silva e Helena Santos (1995).

Além de Lisboa e Porto, o conhecimento potenciador de uma adequada avaliação das potencialidades e dos limites da acção cultural de outras cidades portuguesas é, em geral escasso, ou mesmo inexistente. Foi esta mesma constatação que esteve na base da realização de um estudo que procurou conhecer a realidade de algumas cidades do Norte e Centro Litoral do país – Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães e Porto.[i]

Neste texto apresentamos uma breve síntese dos resultados globais do referido estudo para, depois, nos determos sobre algumas das *nuances* que reflectem tonalidades particulares na distribuição e no comportamento dos púbicos da cidade de Coimbra. Neste percurso não deixaremos de fazer algumas visitas a outras cidades, a fim de ilustrar pontos de distância ou de proximidade.

O interesse de oferecer uma análise mais centrada sobre Coimbra foi ampliado pelo recente anúncio, pelo Ministro da Cultura, de aqui se vir a celebrar, em 2002, a primeira Capital Nacional da Cultura. Trata-se de uma iniciativa de que não existem precedentes entre nós e que, por isso mesmo, reclama uma reflexão sobre as condições culturais de partida. Tais condições hão-de, por certo, condicionar aquilo que venha a ser a Capital Nacional de Cultura–2002, da mesma maneira que esta, por sua vez, não deixará de constituir uma referência para outras possíveis edições do mesmo acontecimento.

2. Perfil global dos consumos culturais nas cinco cidades

A constatação mais imediata deste estudo reside na observação de um perfil dominante de consumos e práticas culturais vincadamente transversal aos residentes nas cinco cidades.

Sinteticamente, as regularidades encontradas dão conta do facto de o consumo mediático, de televisão e de rádio, ser o mais generalizado entre as populações residentes nas cidades de Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães ou Porto (com taxas que se situam entre os 70 e os 90% e que, na generalidade, são mais favoráveis à televisão). Estes correspondem ao únicos consumos verdadeiramente massificados e, por isso, transversais a quase todos os grupos sociais.

Valores aproximados só os encontramos quando nos detemos sobre um conjunto de saídas lúdicas, cuja principal característica reside no facto de serem desenvolvidas entre os círculos mais próximos da sociabilidade (família e amigos) que parecem prolongar as sociabilidades desenvolvidas no espaço privado. E para além dessas, outras saídas para espaços públicos: os cafés e as esplanadas, os centros das cidades, os centros comerciais. Ambos os tipos de saídas envolvem grupos sociais abrangentes [ii] e, embora não evidenciem um carácter cultural

direccionado, alimentam as redes de relações que estruturam não apenas os quotidianos domésticos dos indivíduos, mas também as suas actividades não profissionais, nomeadamente as que envolvem a participação cultural mais activa. De facto, as redes de contactos familiares e de amizade revelam-se como os principais eixos de informação e decisão sobre os consumos ou as actividades culturais a realizar. Estas saídas têm ainda essa outra faceta de encontro e ocupação de espaços públicos nas cidades, frequentemente entendidos como espaços em declínio e a caminho da desertificação.[iii]

São estas actividades que envolvem a mais elevada participação (entre 70 a 90%) de populações destas cidades. Fechando o círculo analítico a caminho dos consumos ou actividades associadas a segmentos especializados das indústrias culturais ou aos circuitos mais estritos da produção cultural vamos encontrar sucessivos estrangulamentos de volume e de estrutura dos públicos culturais.

As actividades de leitura da imprensa diária e de revistas fazem a transição, observando-se taxas que ficam acima dos 50% mas abaixo dos 70%. A leitura de semanários, a leitura regular de livros ou a aquisição destes evidencia uma quebra mais significativa (para taxas entre os 20 e os 30%).[iv] Comparáveis a estas só encontramos as actividades como a frequência dos cinemas, das discotecas ou dos bares com música ao vivo, ou mesmo a aquisição de discos, que captam volumes de praticantes que oscilam entre os 20 e os 40%.

Estamos já a falar de consumos e de actividades muito mais restritas, não apenas do ponto de vista do volume dos públicos, mas também do seu perfil social. Se as práticas associada à leitura revelam sobretudo efeitos de escolarização, as práticas relativas ao cinema, ao consumo de música e às saídas para a discoteca e bares, revelam muito claramente a sobreposição a esses outros de complexos efeitos de idade (e mesmo de pertença sexual).

As saídas culturais dirigidas a museus, exposições, concertos ou espectáculos de teatro revelam o patamar mais estrito de públicos, mesmo quando somadas as práticas regular e irregular. Falamos de taxas que poucas vezes superam os 20% e frequentemente ficam aquém desse valor, revelando uma forte associação de sentido positivo com os níveis de qualificação escolar e socioprofissional dos inquiridos.

Esta estrutura de consumos e de práticas culturais, quase piramidal, e a sua forte correlação com a distribuição do espectro das qualificações escolares e socioprofissionais, revela o peso que continuam a ter os processos e os mecanismos de aquisição e distribuição desigual dos recursos e das competências culturais. Simultaneamente, essa mesma estrutura deixa antever

segmentações que agregam, em combinações diversas, efeitos específicos de idade e pertença sexual que tendem a complexificar as leituras mais imediatas. Assim, e em termos de tendência geral, pode dizer-se que são os mais qualificados escolar e profissionalmente, os mais jovens e os homens aqueles que denotam maiores probabilidades de desenvolverem consumos culturais mais intensos. Sendo que, naturalmente, esta tendência tem também um reverso: daqueles que, sendo mais vulneráveis, são também os que maior probabilidade têm de se distanciarem dos universos da cultura (mesmo dos mais massificados).

Estas são as tendências gerais que se observam em todas as cidades onde aplicámos o questionário e que, globalmente, confirmam os resultados conhecidos para Lisboa (Pais *et. al.* 1994) e para a Área Metropolitana do Porto (Silva e Santos, 1995) e o padrão identificado por Idalina Conde (1997).

Como referimos anteriormente, a fixação sobre traços gerais tende, contudo, a diluir algumas variações que encontramos quando se ensaia um outro olhar comparado sobre as cinco cidades. Dessa perspectiva relevam *nuances* que dão conta de combinações locais dos efeitos estruturais – como as que se referem à composição social das populações de cada cidade, mas também de especificidades que podem traduzir a diversidade dos ambientes culturais locais: isto é, da estrutura de equipamentos e serviços culturais, da dinâmica do mercado e dos equilíbrios entre produtores e públicos culturais.

É sob esta perspectiva que agora nos vamos colocar, destacando as particularidades reveladas pelos residentes em Coimbra.

3. Um breve retrato das cidades

Quando consideramos na nossa análise as cidades de Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães e Porto não ignoramos, evidentemente, que os consumos culturais que se aí se realizam estão longe de se circunscrever aos residentes nestas cidades. Como temos igualmente presente a possibilidade de os consumos e práticas declarados pelos seus residentes se não circunscreverem ao espaço das suas cidades. Neste como noutros domínios, as cidades integram redes urbanas cada vez mais latas e cada vez mais marcadas por intensos fluxos. Relembramos, todavia, que é nossa intenção perceber a dinâmica específica das cidades e, por isso, das suas populações urbanas, deixando de lado, por ora, considerações que ajudariam a uma análise mais completa da realidade mas sobre a qual não dispomos dados concretos.

Consideramos, contudo, a necessidade de atender a alguns factores que, por si só, introduzem diferenças importantes entre as cidades e contribuem para perceber e discutir o volume e a estrutura dos públicos culturais em cada uma delas.

A primeira dessas diferenças reside na dimensão das populações residentes em cada cidade. Atendendo ao universo com que trabalhámos na aplicação do inquérito, e que se referia apenas à população residente com 15 ou mais anos, vale a pena assinalar que, de acordo com o Recenseamento de 1991, se trata de um total de 493.737 pessoas: 36.962 residentes em Aveiro (7%); 74.330 em Braga, (15%); 81.800 em Coimbra (17%), 49.445 em Guimarães (10%) e 251.200 no Porto (51%).

A diferença de dimensões destaca o desequilíbro existente entre a população da cidade do Porto e as populações das restantes cidades, também elas colocadas em dois patamares de proximidade: Coimbra e Braga, mais distantes Aveiro e Guimarães.

Esta hierarquia de dimensões não se reproduz, contudo, quando nos atemos a dois indicadores de composição social – a distribuição da população pelos níveis de instrução e a distribuição dos activos pelos respectivos grupos socioeconómicos –, cuja utilidade é menos a de apontar disparidades de volume, e mais a de salientar as diferenças de estrutura e qualificação das respectivas populações.

QUADRO I

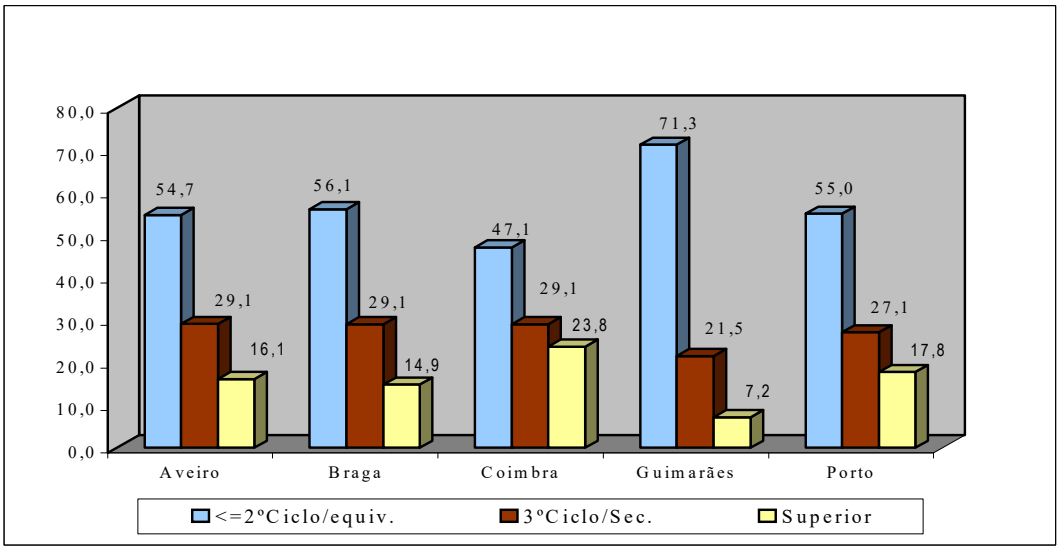
Distribuição da população activa segundo o grupo socioeconómico, por concelho (%)

	Aveiro	Braga	Coimbra	Guimarães	Porto	Total
Empresários	3.6	4,0	3,3	3,5	5,4	4,3
Pequenos patrões	4.7	4,5	4,4	3,0	4,9	4,3
Prof. liberais e técnicos intermédios indep.	0.7	0,6	0,9	0,4	1,4	0,9
Trab. da indústria, artesanato, comércio e serviços indep.	7.6	5,0	5,3	4,3	3,7	4,6
Agricultores independentes	3.1	1,1	1,3	1,3	0,1	1,0
Directores, quadros do Estado e empresas	1.1	1,2	1,0	0,9	2,2	1,5
Quadros superiores e intermédios	15.8	14,2	24,7	5,9	20,2	16,6
Encarregados e capatazes	0.8	0,7	0,6	1,6	0,4	0,8
Empregados administrativos	21.3	18,5	23,2	12,3	28,9	22,0
Operários	24.5	35,2	17,5	53,5	17,5	28,7
Assalariados agrícolas	0.8	0,8	0,6	1,1	0,2	0,6
Trabalhadores não qualificados	13.9	12,1	14,3	11,1	13,1	12,8
Forças Armadas	0.8	0,7	1,0	0,4	0,6	0,7
Outros Activos	1.1	1,4	1,9	0,7	1,4	1,3
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: INE, *Recenseamento Geral da População*, 1991

GRÁFICO I

Distribuição por níveis de instrução da população com 15 e mais anos, residente em cada cidade (%)



Fonte: INE, Recenseamento Geral da População, 1991

Neste contexto, Coimbra apresenta-se como a cidade onde são mais visíveis as marcas de qualificação e terciarização da sua população activa (que o inquérito vincou, com alguma sobre-representação) e onde, correlativamente, a proporção da população com instrução superior é também maior. A qualificação da população de Coimbra é tanto mais importante quanto ela se revela numa cidade de dimensão média, nomeadamente por comparação com a cidade do Porto, aglutinadora de conhecidos efeitos de concentração e polarização de actividades culturais.

4. Especificidades de Coimbra

Tratando-se Coimbra de uma cidade de média dimensão, com um volume de população residente que se distancia das cidades mais jovens e em processo de afirmação (como Aveiro ou Guimarães) e que dispõe mais abundantemente dos recursos tradicionalmente accionados no e para o consumo cultural, vale a pena perguntar se essas vantagens estruturais se traduzem ou não em "efectivo" consumo cultural.

De um modo geral, podemos dizer que sim. Os conimbricenses revelam taxas de consumo e prática cultural que geralmente estão acima dos valores médios registados para o total da amostra e mesmo relativamente a outras cidades. Este facto vai ao encontro das características de composição social da população e da sua qualificação (volume de quadros intelectuais e científicos, de quadros dirigentes e profissionais liberais), mas também do peso da população com qualificações escolares de nível médio ou superior.

Mas para além de um padrão global condizente com o seu estatuto de cidade qualificada, a estrutura dos consumos e das práticas declaradas pelos residentes em Coimbra coloca em destaque áreas da actividade cultural que merecem alguma atenção e podem ajudar a interrogarmo-nos sobre as fragilidades e as potencialidades da esfera cultural coimbrã.

Coimbra: uma cidade de leitores

A primeira área que revela dados *sui generis* é a que se reporta a um conjunto de actividades associadas à leitura.

O inquérito mostra que Coimbra é a cidade onde se lêem mais jornais diários, mais jornais semanários e a segunda cidade na leitura de revistas (depois de Aveiro).

QUADRO II

Leitura de imprensa, segundo a cidade de residência,
(% em linha dos que declaram ler, em cada cidade)

	Jornais diários	Jornais semanários	Jornais desportivos	Revistas	(N, ponderado)[v]
Aveiro	58,8	30,7	29,4	68,1	(370)
Braga	63,2	20,2	31,0	60,7	(743)
Coimbra	69,5	31,0	34,5	63,3	(818)
Guimarães	49,4	26,1	36,9	53,9	(494)
Porto	62,6	18,2	29,8	50,9	(2512)
Total	62,2	22,4	31,4	56,0	(4937)

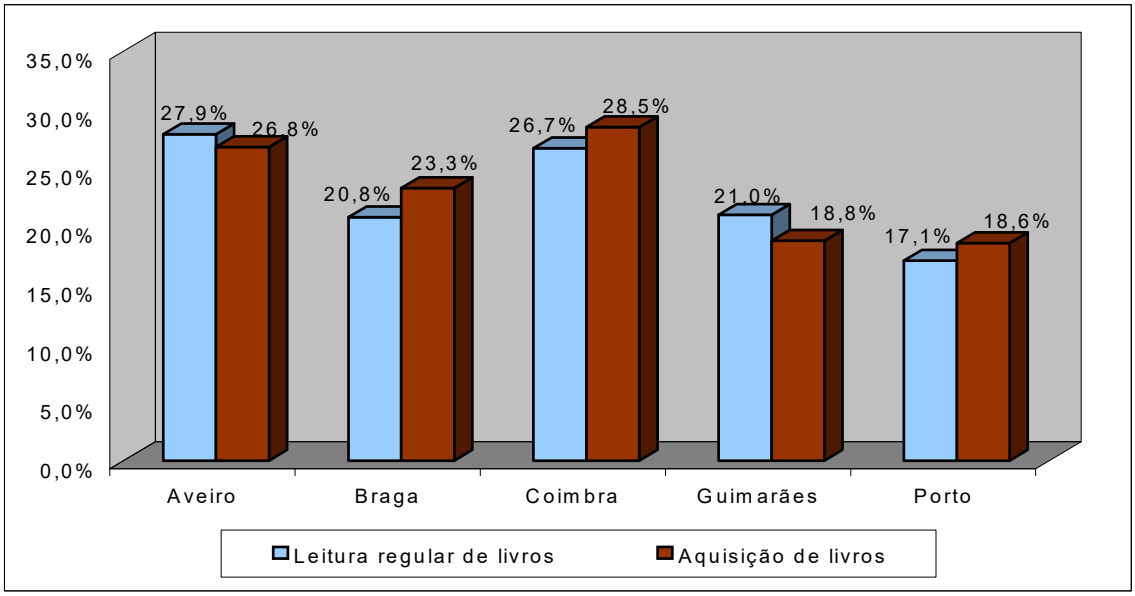
Fonte. *Inquérito às Práticas Culturais dos Residentes nas cidades de Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães e Porto*

Em todas as cidades da nossa amostra a leitura de jornais diários apresenta particularidades associadas à popularidade dos jornais locais ou regionais entre os leitores de diários em cada cidade. Coimbra não é excepção (pelo contrário), com o *Diário de Coimbra* a colher uma taxa de leitura de 81%. Mas já a taxa associada ao jornal *Público* (de 29% dos leitores de diários) se destaca como especificidade da cidade. A esta se acrescenta a expressão dos leitores do *Expresso* entre os que declararam ler semanários: 77% (74% em Braga, 51% em Aveiro e no Porto e 24% em Guimarães).

A leitura de jornais tem um paralelo relativo na leitura regular de livros (que não os de leitura profissional ou escolar), em que Coimbra segue de perto as taxas reveladas pelos inquiridos da cidade de Aveiro (respectivamente 27 e 28%). Já na compra de livros (de qualquer tipo), Coimbra retoma o lugar cimeiro, embora com Aveiro muito próximo: na primeira, 29% dos inquiridos declararam comprar livros, enquanto na segunda esse valor é de 27%. Distantes ficam as taxas de leitura e aquisição de livros encontradas para o Porto e para Guimarães (com Braga a ocupar uma posição intermédia).

GRÁFICO II

Taxas de leitura regular de livros e taxas de aquisição de livros, segundo a cidade (%)



Fonte. *Inquérito às Práticas Culturais dos Residentes nas cidades de Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães e Porto*

Para compreendermos estes indicadores de práticas de leitura acima dos valores médios das restantes cidades da amostra devemos considerar a importância dos efeitos estruturais associados ao peso dos segmentos populacionais com profissões mais qualificadas e com níveis de instrução superior entre os conimbricenses. Mas devemos atender também a alguns efeitos resultantes da estrutura e da dinâmica que caracterizam o ambiente cultural da cidade. Precisamos não esquecer como a Universidade ocupa um lugar de centralidade incontestável, como são múltiplas as bibliotecas e os arquivos, como marcam presença no comércio da cidade um conjunto apreciável de livrarias e, para além destas, como a cidade regista desde há longo tempo uma intensa e importante actividade editorial (não só a das clássicas Coimbra Editora e Almedina, mas também da desaparecida Centelha, ou das mais recentes Minerva e Quarteto). Neste contexto, os livros e a imprensa não são estranhos à cidade, fazendo parte do quotidiano doméstico e profissional de muitos, como também da actividade económica da cidade.

Coimbra dos estudantes, das saídas nocturnas e da música moderna

O segundo conjunto de práticas que gostaríamos de salientar mostra os reflexos de juvenilidade que são projectados da estrutura de consumos identificada para Coimbra. Esses reflexos traduzem a importância de uma cultura de saídas juvenis, cuja relevância não se pode desligar do ambiente estudantil da cidade.

Coimbra é uma cidade onde se sai à noite, especialmente no de fim-de-semana. As saídas em noites de semana são um privilégio dos grupos mais jovens (sobretudo daqueles com idades entre os 15 e os 24 anos). As noites de fim-de-semana são o momento privilegiado de saída para jovens adultos (25 e os 34 anos). 71% destes declararam sair nessas noites, um valor muito superior do que encontramos em Braga ou no Porto (respectivamente 41% e 43%). Em qualquer dos casos, as saídas nocturnas são acentuadamente masculinas.

QUADRO III

Ida ao cinema, à discoteca, a bares com música, e compra de discos, segundo a cidade de residência (% em coluna)

	Aveiro	Braga	Coimbra	Guimarães	Porto	Total
Foi pelo menos uma vez no último mês:						
Ao cinema	24,0	28,0	26,9	17,8	35,4	30,3
À discoteca	19,6	28,3	34,8	22,8	22,9	25,4
A um bar com música ao vivo	29,8	24,1	33,8	28,1	32,0	30,6
Compra regularmente discos	40,4	28,0	31,0	28,2	27,4	29,1
(N, ponderado)	(370)	(743)	(818)	(494)	(2512)	(4937)

Fonte. *Inquérito às Práticas Culturais dos Residentes nas cidades de Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães e Porto*

Estes indicadores associam-se aos indicadores de saídas para a discoteca ou para bares com música ao vivo, cujos praticantes se concentram sobre os mesmos grupos etários (e evidenciam, também, uma desigual frequência de homens e mulheres). A discoteca tem mais adeptos entre os jovens até aos 24 anos (79% entre o grupo dos 15 aos 19 e 75% entre o grupo de 20 aos 24). Mas os valores entre os grupo dos jovens adultos (25-34) é igualmente expressivo: 61%. Já a saída para bares parece ser mais popular entre os que estão mais longe da adolescência (o grupo dos 20 aos 34).

As saídas juvenis parecem ter uma sonoridade e um ritmo musical vincados, igualmente perceptíveis nas saídas para frequência de concertos musicais e, em particular, de concertos de música *rock/pop*, populares entre os grupos mais jovens. Uma cultura musical que se estende à aquisição regular de discos, declarada por 31% dos conimbricenses (neste caso superados pelos 40% de aveirenses) e à popularidade da *RUC*–Rádio Universitária de Coimbra, conhecida da quase totalidade dos mais jovens (cerca de 90%).

O relevo dado a este conjunto de práticas e ao perfil juvenil dos seus praticantes não tem em si qualquer novidade. Estes parecem ser traços específicos de qualquer cultura juvenil e, de um modo geral, os jovens e, por maioria de razão, os jovens estudantes contribuem para os públicos culturais com recursos que são mais abundantes entre eles: qualificação e disponibilidade

pessoal e de tempo; gostos e referências eminentemente juvenis (entre as quais a música) Contudo, vale a pena recordar que o potencial juvenil da cidade se estende para lá da sua população residente. Os grupos etários de que falámos são substancialmente engrossados por uma população estudantil que todos os anos chega (ou regressa) à cidade e que, grosso modo, representa cerca de um terço dos residentes.

Essa população estudantil acentua a peculiaridade do ambiente da cidade, cuja organização é dominada pela actividade da comunidade académica, do público que ela gera para uma oferta que, frequentemente, é gerada no seu próprio interior. A questão parece estar em podermos interrogar-nos sobre a possibilidade ou a vantagem de abertura deste enclave cultural a toda a cidade. Coimbra parece, na verdade, conter um enorme potencial para a expansão e a consolidação de uma oferta de serviços de animação nocturna e de circuitos de apresentação de música ao vivo. E parece, ao mesmo tempo, justificar mais consistentes estímulos à criação e distribuição da música moderna, para lá das referências ao universo académico.

Saídas culturais do conimbricenses

As saídas culturais constituem, como sabemos, um círculo relativamente restrito de actividade, atraindo com mais facilidade os grupos com recursos culturais e sociais mais abundantes. Esta parece ser a principal razão para explicar as elevadas taxas de frequência evidenciadas pelos conimbricenses relativamente à generalidade das actividades (Quadro IV).

QUADRO IV

Praticantes de actividades culturais, segundo a cidade de residência (% em coluna)

Foi uma ou várias vezes, no último ano,	Aveiro	Braga	Coimbra	Guimarães	Porto	Total
A um museu de arte	28,6	26,7	26,5	22,0	20,9	23,4
A uma exposição de pintura/escultura	36,7	31,0	36,0	26,1	19,1	25,7
A uma exposição de fotografia	22,7	23,4	30,5	20,2	12,3	18,6
A um concerto de música clássica	14,9	8,9	11,5	10,7	10,3	10,7
A um concerto de *jazz*	6,7	6,3	7,8	5,7	3,4	5,0
A um concerto de música moderna (*rock/pop*)	27,0	25,7	33,8	25,0	15,4	21,9
A um espectáculo de música ligeira (fado, cançonetistas)	23,2	25,9	24,9	29,2	20,9	23,3
A um espectáculo de teatro	20,3	16,2	32,7	14,6	21,8	21,9
(N, ponderado)	(370)	(743)	(818)	(494)	(2512)	(4937)

Fonte. *Inquérito às Práticas Culturais dos Residentes nas cidades de Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães e Porto*

Neste panorama que, aparentemente, é favorável à cidade, insistimos, contudo, em olhar com mais atenção para alguns dos resultados que apelam a leituras distintas.

A frequência de espectáculos de teatro, de concertos de música *rock/pop* e de jazz, e de exposições de fotografia revelam um volume de públicos em que Coimbra se posiciona

claramente em vantagem face às restantes cidades. Mas os seus valores não são perceptíveis a partir do mesmo princípio.

É evidente que o teatro é uma actividade importante e com tradição enraizada na cidade, onde existem um conjunto de grupos com actividade relativamente regular: os universitários TEUC e CITAC; a Escola da Noite, o Teatrão, a Bonifrates ou o Teatro do Morcego (e também o projecto Cena Lusófona)... Por isso, é fácil perceber a apetência de consumo demonstrada por uma população habituada a conviver com o teatro, com a sua criação e com a sua representação. Uma apetência confirmada pelo reconhecimento que os conimbricenses revelam face à jovem companhia Escola da Noite (44% dos inquiridos declararam conhecer a companhia, enquanto apenas 38% dos bracarenses revelam conhecer a Companhia de Teatro de Braga ou 18% dos aveirenses a Companhia de Teatro Efémero).

O mesmo raciocínio não se pode aplicar directamente em relação aos públicos da fotografia ou do *rock/pop*. Se é verdade que Coimbra acolhe regularmente um dos mais importantes eventos nacionais de fotografia – os Encontros de Fotografia –, também é verdade que, para além deste evento, a cidade quase não oferece outras oportunidades de ver fotografia ao longo do ano. Esta situação agravou-se recentemente (já depois da aplicação do inquérito) com passagem a bienal dos referidos Encontros. Por outro lado, a oferta de concertos *rock/pop* quase se circunscreve ao programa da Semana da Queima e, mais recentemente, à Semana da Latada, ou pontualmente aos festivais de verão que animam a cidade. E o circuito de apresentação ao vivo é quase virtual: algumas iniciativas promovidas pela *RUC*; espaços com animação pontual e pouco consistente (como a *Cave da Químicas*), mas que acabam por desaparecer; o Centro Cultural D. Dinis, a já encerrada discoteca *States* e alguns outros bares que, sem regularidade, proporcionam música ao vivo, com carácter sobretudo ambiental.

Uma leitura paralela pode-se fazer do declarado público de *jazz*: 8% dos conimbricenses. De facto, a cidade quase não tem oferta de *jazz*. Onde é que estes declarados espectadores de *jazz* assistem a esses concertos? Fora da cidade, noutras cidades? É possível. De facto, o público do *jazz* é muito reduzido em qualquer uma das nossas cidades (como aliás se verifica também em Lisboa), pelo que é difícil induzir o que quer que seja. No entanto, devemos ter em consideração que, no nosso país, o circuito dos concertos de *jazz* se organiza sobretudo em torno de alguns grandes festivais, realizados com regularidade em cidades e locais conhecidos (cf. Martinho e Neves, 1999). É possível que uma parte do público desses festivais seja um público de *aficionados*, para quem a mobilidade não é um obstáculo, o que admitimos ser o caso dos

conimbricenses amantes do *jazz* (um grupo constituído sobretudo por quadros dirigentes, profissionais liberais, quadros intelectuais e científicos e, também, alguns estudantes).

Interrogações semelhantes nos ocorrem a propósito das taxas de público que encontramos para as exposições de pintura ou escultura. De facto, as artes plásticas são um dos domínios onde a cidade é mais carenciada. Não existem espaços consagrados a estas actividades. Apenas o Círculo de Artes Plásticas, especificamente orientado para a arte contemporânea, é quase desconhecido entre os conimbricenses e muito pouco frequentado (15% afirmaram conhecer, mas apenas 9% afirmaram frequentar, esporadica ou regularmente).

Neste contexto, como interpretar as taxas de frequência declaradas? Naturalmente como resultantes de efeitos associados à própria natureza do inquérito. Mas poderá ser apenas isso? Não parece aceitável, a não ser que admitamos que a sobredeclaração, sem correspondência prática, é também um indicador de vontades, de desejos e, portanto, de potenciais públicos para estas actividades. Admitir esta possibilidade obriga, contudo, a reflectir de uma forma global e sistemática sobre a produção e criação cultural da cidade e sobre a estruturação dos respectivos serviços de oferta.

Os dados do nosso inquérito ajudam a detectar dinâmicas de públicos que, numa primeira análise, são mais favoráveis em Coimbra que noutras cidades. Mas essas dinâmicas de públicos são, por definição, muito voláteis. E as inconsistências que se adivinham na relação entre procuras e ofertas culturais em Coimbra, deixam no ar muitas interrogações. É urgente trabalhar no sentido de conhecer melhor quer as aspirações dos públicos, quer as necessidades e vontades dos produtores e criadores culturais, dos empresários da cultura e outros intervenientes na actividade cultural. Esta deve ser encarada como área importante não apenas pelas suas vantagens simbólicas ou propriamente culturais, mas também pelo seu potencial contributo para a economia da própria cidade.

BIBLIOGRAFIA

Conde, Idalina (1997): "Cenários de práticas culturais em Portugal (1979-1995)", *Sociologia – Problemas e Práticas*, 23: 117-188.

Fernandes, António Teixeira *et al*, 1998, *Práticas e Aspirações Culturais. Os estudantes da cidade do Porto.* Porto, Afrontamento.

Fortuna, Carlos; Ferreira, Claudino e Abreu, Paula (1998/1999), "Espaço público urbano e cultura em Portugal", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 52/53, 85-117.

Fortuna, Carlos; Silva, Augusto Santos, 2001, "A Cidade do Lado da Cultura", *in* Santos, Boaventura de Sousa (coord.*) Globalização: Fatalidade ou Utopia?* Porto, Afrontamento (no prelo).

Martinho, Teresa; Neves, José Soares (1999), "Festivais de música em Portugal", *Folha OBS* (publicação do *Observatório das Actividades Culturais*), 1, 1-5.

Pais, José Machado, *et al* (1994): *Práticas Culturais dos Lisboetas. Resultados do Inquérito Realizado em 1994 aos Habitantes da Grande Lisboa*, Lisboa, Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Santos, Helena, *et al*, (1999): "Consumos Culturais, em Cinco Cidades Portuguesas*", Oficina do CES*, nº146

Santos, Maria de Lourdes Lima dos (coord.), 1998, *As Políticas Culturais em Portugal,* Lisboa, OBS.

Silva, Augusto Santos & Santos, Helena (1995): *Prática e Representação das Culturas. Um Inquérito na Área Metropolitana do Porto*, Porto, Centro Regional de Artes Tradicionais.

Silva, Augusto Santos *et al.* (2000): *Públicos para a Cultura na Cidade do Porto*, Porto, Afrontamento.

Silva, Augusto Santos; Brito, Paula; Santos, Helena; Abreu, Paula, 2001, "As práticas e os gostos: uma sondagem do lado das procuras de cultura e lazer", *in* Carlos Fortuna e Augusto Santos Silva (org.), *O Projecto e a Circunstância. Culturas Urbanas em Portugal*. Porto, Edições Afrontamento [no prelo].

---

[*] Investigadores do Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

[i] O estudo foi desenvolvido entre 1996 e 1999, por uma equipa de investigadores do CES/FEUC (Carlos Fortuna, Claudino Ferreira, Paula Abreu e Paulo Peixoto) e da FEP (Augusto Santos Silva e Helena Santos) ao abrigo de um projecto de investigação – *Culturas Urbanas e Imagens das Cidades* – financiado pela então JNICT e coordenado por Carlos Fortuna e Augusto Santos Silva. Como peça fundamental desse trabalho foi elaborado um inquérito por questionário aplicado a uma amostra de 1500 pessoas, 500 das quais residentes no Porto e 250 em cada uma das restantes cidades. Esta amostra foi elaborada segundo um procedimento "clássico" de quotas e, posteriormente, foi equilibrada e ponderada para corrigir desvios na proporcionalidade das quotas e "elevar" a amostra à escala da população real.

[ii] Vale a pena realçar o facto de estas saídas, apesar de largamente difundidas, mostrarem efeitos de segmentação, sobretudo etária e sexual que, neste texto, não iremos explorar.

[iii] Para uma discussão da relação entre práticas culturais e vitalidade dos espaço público urbano, cf. Fortuna, Ferreira e Abreu, 1998/1999.

[iv] Uma análise factorial de correspondências permitiu identificar as práticas de leitura de imprensa como aquelas relativamente às quais se estabelece o principal eixo de fragmentação dos consumidores e praticantes culturais (cf. Silva *et al.,* 2001*)*.

[vv] Os valores do *N ponderado* vêm expressos em centenas e resultam da ponderação e ajustamento efectuados sobre a amostra, com o objectivo de projectar os resultados para o universo das populações com 15 e mais anos residentes nas cidades.